



# “**FAULT LINES**”, DE VODDIE T. BAUCHAM JR.

*Charles Melo de Oliveira*<sup>171</sup>

BAUCHAM JR., Voddie T. *Fault Lines*. Washington: Salem Books, 2021, 251 p.

O movimento de justiça social já vem dominando as universidades no Ocidente há décadas, mas permaneceu incipiente no evangelicalismo mundial até ganhar força por meio de influenciadores que desfrutam de espaço na mídia. Mesmo pregadores que se identificam como reformados não ficaram livres das influências do movimento de justiça social. Livros, palestras e participação em eventos sob liderança de pregadores reformados acabaram por se tornar palco de defesa do movimento de justiça social. Isso despertou uma indignação profética movida pelo zelo pela pregação fiel da Palavra de Deus em um doutor pelo *Southeastern Baptist Theological Seminary* (D.Min.): Voddie T. Baucham Jr.

Dr. Baucham é um pregador batista calvinista eloquente e muito versado em oratória e apologética. Ele atualmente atua como professor sênior na Escola de Divindade da *African Christian University* em Lusaka, Zâmbia. Alvo de muitas perguntas sobre o movimento de justiça social, Dr. Baucham resolveu então realizar uma pesquisa acurada sobre a origem do movimento de crítica da justiça social e como esse movimento acabou alcançando as igrejas evangélicas iniciando um processo de degradação do evangelicalismo em si, comparável ao fenômeno geológico das chamadas *falhas tectônicas* que ameaçam várias regiões do planeta com terremotos, catástrofes e morte.

O livro começa com uma breve descrição de como a teoria da crítica racial começou a se espalhar pelo mundo acadêmico dos Estados Unidos a partir de uma conferência liderada por Derrick Bell, professor de Direito na Universidade de Harvard, em 1989. Nos anos seguintes, a *crítica da justiça social* se alastrou de forma viral pelas universidades dos EUA, Canadá, Europa e América Latina em forma de livros, palestras, conferências e artigos. Dr. Baucham então mostra que

---

<sup>171</sup> <sup>171</sup> Bacharel em Teologia pelo Seminário JMC (São Paulo) e pelo Instituto Presbiteriano Mackenzie (São Paulo), e mestre em Teologia Sistemática (ThM) pelo Puritan Reformed Theological Seminary (Grand Rapids, EUA). Atual pastor da Westchester Orthodox Presbyterian Church.

as raízes da crítica da justiça social estão no marxismo e quejandos, como gramscismo, a escola de Frankfurt e os movimentos de crítica da justiça social, como feminismo e defesa das minorias. Dr. Baucham apresenta o problema como sendo a preferência pela justiça social nas igrejas em vez da justiça bíblica.

Dr. Baucham oferece uma autobiografia interessante na qual ele, um negro americano fruto de uma gravidez na adolescência de sua mãe, foi criado por ela sem a presença do pai. Essa parte do livro é interessante porque a falácia do apelo à autoridade é muito comum para desqualificar autores. Obviamente, essa falácia seria inócua em se tratando de um autor negro que cresceu sem a presença do pai, quando ele falasse contra a crítica da justiça social. Dr. Baucham cresceu sendo vítima de atos racistas. No entanto, foi protegido, orientado e disciplinado por sua mãe. Ainda assim, tornou-se um ativista negro até ser convertido enquanto jogava futebol americano e estudava na Universidade Estadual do Novo México. Formou-se em Artes (B.A.) pela Universidade de Houston, graduou-se mestre em divindade (M.Div.) e doutor em divindade (D.Min.) pelo *Southeastern Baptist Theological Seminary*.

Dr. Baucham sustenta a máxima: “Deus condena a injustiça” (p.41). No entanto, demonstra como as iniciativas de celebridades com Colin Kaepernick eram baseadas em mentiras ou na ignorância dos fatos. Kaepernick se ajoelhava sobre uma perna durante a execução do hino nacional invocando justiça contra os policiais que supostamente matavam negros por serem negros. Dr. Baucham então traz à lume números que desmentem as supostas injustiças sociais denunciadas por Kaepernick. Dr. Baucham trata de casos sensíveis explorados pela mídia esquerdista: George Floyd, Breonna Taylor, e outros. A verdadeira justiça requer a verdade.

No capítulo 4, Dr. Baucham demonstra como a teoria da justiça social dentro das igrejas promoveu uma nova seita distinta do cristianismo histórico, ao que chamou de “seita do antirracismo” (p.66). Dr. Baucham demonstra como essa seita antirracista criou uma nova cosmologia que rivaliza com a cosmologia bíblica. Nessa nova cosmologia, os seis dias da criação são substituídos pela criação, pelos brancos, da brancura,<sup>172</sup> do privilégio dos brancos, da supremacia branca, da cumplicidade branca, do equilibrismo branco, e da fragilidade branca. Dr. Baucham demonstra que essa cosmologia é uma rebelião contra o Criador, o qual criou o homem como uma raça única, a raça humana. Lamentavelmente, as igrejas influenciadas pela teoria da crítica racial têm sido mais influenciadas por essa filosofia humanista do que pelas Escrituras. Finalmente, a seita antirracista mudou o significado do pecado original: agora é o racismo. Essa seita antirracista defende a manifestação da justiça racial de forma institucional para corrigir o racismo que,

---

<sup>172</sup> Tradução do termo “whiteness,” definida como “um conjunto de privilégios normativos garantidos a grupos e indivíduos de pele branca, o qual é invisível aos privilegiados” (p.69).

para eles, é o grande mal da humanidade. As *reparações* estariam dentro dessas iniciativas da justiça racial institucional.

No Capítulo 5, Dr. Baucham mostra como a seita antirracista possui seus sacerdotes. Os sacerdotes da seita antirracista seriam as pessoas enquadradas nos grupos de oprimidos: negros, mulheres, LGBTQIA+, não-cidadãos, deficientes, obesos, pobres, não-cristãos, e qualquer outro que se considere oprimido (p.91). Esse *status* de sacerdotes é conferido por um pensamento que Dr. Baucham chamou de “gnosticismo étnico” (p.91), porque eles dizem que só os oprimidos possuem entendimento (*gnosis*) da natureza da opressão que sofrem. Dr. Baucham então diz que Romanos 12.15, Jó 30.25 e Hebreus 13.3 destroem completamente essa perspectiva.

Dr. Baucham demonstra no capítulo 6 como vários pregadores americanos sucumbiram diante dos apelos da teoria da crítica racial, como derivada da crítica da justiça social: John Onwuchekwa, ligado ao movimento “Nove Marcas” e ao “The Gospel Coalition” retirou sua igreja da Convenção Batista do Sul por falta de medidas que favorecem a justiça racial. David Platt, da plataforma missionária da Convenção Batista do Sul, pregou um sermão seguindo os pressupostos da crítica da justiça racial na Conferência T4G (Juntos pelo Evangelho)<sup>173</sup> de 2018. Em poucas palavras, Dr. Baucham resumiu o sermão do Dr. Platt: “Pastores deveriam ser julgados pela cor da pele das suas congregações”. A denúncia do Dr. Baucham é muito séria porque o que está por trás das pregações *woke* é a falta de convicção da doutrina da suficiência das Escrituras.

No capítulo 7, Dr. Baucham alerta contra a disseminação do conteúdo e influência da crítica da justiça social dentro das igrejas. Ele participou da comissão que elaborou a *Declaração de Dallas*, que foi um documento rejeitando a crítica da justiça social e sua admissão pelas igrejas evangélicas nos EUA. Quando essa declaração foi submetida à Convenção Batista do Sul dos EUA, ela foi alterada a fim de acomodar a crítica da justiça social e a teoria da crítica racial, justamente o oposto do pretendido pelos autores da declaração, que inclui o Dr. John F. MacArthur Jr.

O capítulo 8 é dedicado a uma série de danos que a igreja e mesmo a comunidade de negros nos EUA sofrem ao aderir à crítica da justiça social. Primeiro, ele cita o livro *Human Diversity*, de Charles Murray, no qual ele critica a “ortodoxia das ciências sociais”, mostrando que a ideia de igualdade por elas expressa é falsa. Foi justamente durante as campanhas de igualdade nos anos 60 que o feminismo e o movimento dos direitos civis surgiram. Ele também cita Sowell, o qual mostrou que os problemas das comunidades negras vêm de más escolhas e não de opressão racial. Infelizmente, os púlpitos de igrejas de negros têm sido o palanque de exposição da teologia da libertação, teoria da crítica racial, crítica da justiça social, interseccionalidade e evangelho social. Outro dano que

<sup>173</sup> Eu pessoalmente estava lá e ouvi o lamentável sermão pregado pelo David Platt.

não tem sido tratado é a ausência dos pais: 70% das crianças negras são filhos de mães solteiras e 80% delas cresce sem a presença do pai. Os níveis de educação decaíram porque acredita-se hoje que excelência acadêmica é “coisa de branco”. Outros danos são claramente visíveis: aumento da criminalidade, vitimismo e o aborto, que está fazendo a população negra diminuir.

No capítulo 9, Dr. Baucham fala das repercussões da teoria da crítica racial. Os negros nos EUA têm sido massa de manobra e permanecem num estado de “escravidão”, sendo enredados pelos apelos de políticos de esquerda que lutam pelo poder e pretendem mantê-lo nas mãos. Finalmente, o capítulo 10 chama a igreja americana ao arrependimento e ao retorno à fidelidade às Escrituras. Os crentes fiéis precisam entender que a crítica da justiça social é um inimigo e que estamos em guerra contra ele. A crítica da justiça social já declarou o cristianismo “parte da hegemonia opressiva” (p.207). Finalmente, ele faz uma exposição maravilhosa de 2Coríntios 10 mostrando que as nossas armas são poderosas em Deus para trazer todo pensamento cativo à obediência de Cristo.

Concluindo esta resenha, eu gostaria pessoalmente de recomendar a leitura desse livro e seu estudo cuidadoso, porque mesmo os presbiterianos, com toda a tradição reformada à sua disposição, podem ser envolvidos pelas artimanhas falaciosas da crítica da justiça social. Ela até se parece muitas vezes com o cristianismo, o qual sempre se posicionou contra a opressão e o autoritarismo. No entanto, trata-se de moralismo vazio de propósito e de princípios bíblicos, nega a depravação do homem, não confronta o problema do pecado e oferece uma falsa redenção baseada na virada de mesa, na luta entre as classes sociais, na revolta e não na cruz de Cristo. Na crítica da justiça social, não há espaço para arrependimento. A doutrina da justiça de Cristo imputada aos que creem é recusada completamente pela crítica da justiça social e a felicidade se resume ao aqui e agora e, pasme, na busca por bens materiais (materialismo e consumismo). Só que na justiça social da secularização, a conquista de bens é uma *restituição pela classe opressora*, que, no caso da teoria da crítica racial, são os brancos privilegiados. No entanto, a máxima que atravessa os tempos é a de que devemos ter fome e sede de justiça, que é a justiça de Cristo. A boa notícia é que, quem tiver fome e sede dessa justiça, será farto.